

# FIM À GUERRA COLONIAL



## INDEPENDENCIA TOTAL PARA

AS COLÓNIAS  
C.R.E.C.S.

Apesar das muitas promessas do actual Governo, a guerra colonial, assassina dos povos irmãos das colónias e dos filhos do povo português continua.

Os capitalistas portugueses e o imperialismo internacional não abdicam dos seus interesses de sangue das riquezas naturais das colónias e da exploração da mão de obra dos trabalhadores africanos, por isso a guerra não vai acabar para já. E se dizemos para já é porque ela há-de acabar, e já esteve mais longe, mas é quando os povos africanos, guiados pelas suas vanguardas revolucionárias ( MPLA, FRELIMO e PAIGC ), vencerem a luta armada que há 13 anos iniciaram pela libertação das suas pátrias do jugo colonialista, escorraçarem de vez os ocupantes e exploradores e construírem nos seus países sociedades livres e fraternas.

Fala-se agora de negociações, de que são principais defensores Mário Soares e Álvaro Cunhal... mas sem se reconhecer a Angola, Moçambique e Guiné o direito a serem países totalmente independentes. Fala-se agora de negociações, mas continuam a embarcar companhias atrás de companhias, enquanto se exige que os movimentos de libertação dos povos das colónias lancem as armas ao chão.

Sobre tudo isto os movimentos de libertação têm posições claras: a Frelimo declarou que só está interessada em negociar "o mecanismo que conduza à independência" e o MPLA sobre a continuação dos embarques de tropa portuguesa para as colónias afirmou "A chegada recente de 10 batalhões de reforços a Cabinda, juntamente com grande número de tanques e de navios de guerra, não trará uma solução para o problema angolano". Os movimentos de libertação, representantes dos povos africanos sob a dominação colonialista portuguesa, só aceitam negociações se elas assentarem no reconhecimento do seu direito à independência imediata, bem como denunciar a continuação da ocupação e destruição das suas terras pelo exército colonialista português.

Em defesa das posições neo-colonialistas expressas no Programa do Governo Provisório de que são ministros o reformista Soares e o revisionista Cunhal, e contra as posições defendidas pelos representantes dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, levantam-se todos os traidores desde o Partido "Socialista" ao chamado Partido "Comunista" Português, partidos burgueses, traidores da luta da classe operária e do povo português, e da luta dos povos das colónias. Os revisionistas adepto do revisionista Cunhal e do seu partido, dizem agora que as forças de ocupação colonial são "forças da paz". O exército português não vai para os territórios africanos como irmão destes povos, mas sim como seu opressor ao serviço dos interesses dos capitalistas. Não vai combater lado a lado com esses povos, não vai construir lado a lado com eles uma sociedade nova, liberta da exploração e da miséria. Ao contrário do que os revisionistas dizem, o exército português não vai colaborar com os povos das colónias para a liquidação de todos os reaccionários interiores e exteriores ao seu país, mas para defender interesses coloniais da burguesia portuguesa e do imperialismo que continuam a subsistir. Já se esqueceram dos massacres de Wiriyamu, Mucumbura, Chawola, Inhamitanga denunciados em todo o mundo e que o governo sentão sob o comando do Marcelo não conseguiu desmentir. E os combates continuam como se pode ler nos jornais diários, e o papel das forças portuguesas não é de "mensageiros da paz", mas sim de lançadores da morte nas populações africanas. A paz que esses traidores querem é o silêncio e o consentimento face à exploração e opressão colonialistas, é a renúncia

à luta contra os sugadores do sangue do povo, é a paz dos guerrilheiros com as armas deitadas ao chão e submissos às medidas que o governo colonialista português decidir tomar de acordo com os seus amigos imperialistas.

Na sua Mensagem aos Soldados Portugueses, a Frelimo diz: "SOLDADO PORTUGUES nós não queremos influenciá-lo a tomar uma decisão. Tu és homem, tens consciência, tens capacidade para fazer os teus próprios julgamentos. Se achas que estás a fazer bem, fazendo a guerra, assassinando o nosso povo, então continua. Mas se, segundo a razão e a justiça, compreenderes que a luta que estás a travar é injusta e imoral e queres pôr termo a ela, então deserta para o nosso lado. Já vários soldados portugueses desertaram e acolheram-se à protecção da FRELIMO." Quem, contra as posições dos movimentos de libertação, contra os representantes dos povos das colónias defende o embarque das tropas portuguesas para os países de África debaixo de sua dominação colonial, não é outra coisa senão colaborador com a burguesia portuguesa e o imperialismo na sua actividade criminosa. Quem defende que os soldados portugueses devem ir para uma guerra em que não têm nada a defender, em que são usados como tropa de choque para a manutenção dos interesses dos mesmos parasitas que os exploram em Portugal, da qual o povo português só colhe a miséria, o sofrimento e a morte, não é outra coisa senão colaborador com os assassinos burgueses que mandam a juventude portuguesa para África.

O Programa do Governo Provisório é a prova de que os actuais governantes não se afastaram da defesa dos parasitas colonialistas, mas antes procuram garantir a sua exploração sob formas mais camufladas que façam calar a opinião pública internacional, enganem o povo português sobre o carácter criminoso da guerra colonial e demovam os povos africanos da sua decisão de lutar até à vitória pela libertação e total independência das suas pátrias, sob a direcção das suas vanguardas revolucionárias, para passarem a aceitar uma solução neo-colonialista. Neste Programa repete-se a já conhecida conclusão do Spínola: "a solução das guerras do ultramar é essencialmente política e não militar", a última saída da burguesia face à sua impotência em alcançar a vitória na luta contra os povos das colónias, o passo derradeiro para tentar que os seus lucros não vão por água abaixo, e depois de a prática já ter demonstrado que nem a chacina de populações inteiras, nem a destruição das terras e das culturas desses povos vai permitir mantê-los, pois apesar de toda essa actividade criminosa os movimentos de libertação continuam a alcançar vitórias atrás de vitórias na sua justa luta.

O Programa defende "a instituição de um esquema destinado à consciencialização de todas as populações residentes nos respectivos territórios, para que, mediante um debate livre e franco, possam decidir o seu futuro no respeito pelo princípio da autodeterminação, sempre em ordem à salvaguarda de uma harmónica e permanente convivência entre os vários grupos étnicos, religiosos e culturais". Este ponto começa por não reconhecer os movimentos de libertação, as vanguardas revolucionárias dos povos de Angola, Moçambique e da República Independente da Guiné-Bissau-MPLA, FRELIMO e PAIGC- como os legítimos representantes desses povos. À luta de libertação nacional que esses povos lançaram e na qual marcham pelo canihho da vitória, opõem os novos governantes portugueses a intensificação da propaganda e cultura colonialistas, aquilo a que chamam a "consciencialização das populações" na tentativa de quebrar o ânimo dos combatentes para a luta em defesa das suas pátrias e levá-los a aceitar o tal clima de "harmónica e permanente convivência" entre escravizadores e escravos, entre exploradores e explorados. À voz dos povos das colónias, através dos seus legítimos representantes, opõem os novos governantes a "voz" dos povos amarrada pelas regras impostas pelo colonialismo, negando que cada povo tem o direito a definir por si próprio dos seus próprios destinos.

Mas, prevendo já que esses heróicos povos não fossem na cantiga e continuassem de forma decidida a sua justa luta, sem se deixarem anegar pelas correntes dos colonialistas, que continuassem a lutar pelo derrube do poder dos capitalistas, imperialistas e seus lacaios, então lá está o Programa a defender a "manutenção das operações defensivas no Ultramar destinada a salvaguardar a vida e os haveres dos residentes nos". Quem irá defender estas operações? Os povos das colónias que nada possuem, cuja terra foi roubada e é ocupada pelos capitalistas portugueses, aqueles que apenas têm a sua força de trabalho para vender a um preço miserável, passando fome e vivendo no sofrimento? Ou serão elas concebidas para defender os interesses dos donos das companhias de diamantes, dos trusts que exploram o petróleo e outras riquezas naturais nas colónias portuguesas, que saqueiam por completo esses países para encherem os bolsos de fabulosos lucros, dos donos das roças e demais agentes do colonialismo? Elas são feitas para atacar esses povos em luta pela sua libertação e para defender aqueles que os oprimem.

Este Programa do Governo Provisório defende as mesmas teses neo-colonialistas que na Guiné o Spínola tentou levar a cabo e que consistiam em pretender criar uma elite negra que formasse um governo fantoche, totalmente submisso à burguesia capitalista portuguesa e ao imperialismo internacional. "Apoio a um acelerado desenvolvimento cultural, social e económico das populações e territórios ultramarinos, com vista à participação activa, social e política e de outros

aspectos da vida colectiva". É o que lá se diz. Mais não é do que querer formar pela intensificação da difusão da cultura colonialista, uma elite "esclarecida" na defesa desses interesses reacçãoários e, que aceleração do desenvolvimento económico económico tenta iludir os povos explorados, diminuindo um pouco a sua situação de miséria, ao mesmo tempo que os patrões aumentam os seus lucros. No fundo mais não é do que querer substituir os movimentos de libertação no seu justo lugar de representantes legítimos dos povos das colónias, por minorias educadas pela mão dos colonialistas. Só os movimentos de libertação MPLA, FRELIMO e PAIGC podem falar pelos povos africanos e representá-los, e não qualquer grupo fantoche que se pretenda passar por defensor da liberdade do povo, como por exemplo a GUMU e a MIMO, mas que na realidade se afadigan em querer desarmá-lo e colocá-lo à mercê dos seus opressores; nem o Movimento Democrático que, nas colónias, concorrendo às eleições para a Assembleia Nacional fascista, pretendia representar os povos desses países, e que agora de mãos dadas com o Partido Revisionista Português é o grande defensor nas colónias da política neo-colonialista do Governo Provisório, contra as posições de luta até à vitória empunhadas pelos movimentos de libertação.

Toda essa política traidora é defendida pelo general Spínola assassino da dirigente guineense Amílcar Cabral, e pelos políticos burgueses de carreira Mário Soares e Álvaro Cunhal, todos juntos no Governo para apunhalar a classe operária, todo o povo português e os povos das colónias, pelas costas.

CAMARADAS, lutemos pelo:

**FIM IMEDIATO DA GUERRA COLONIAL; INDEPENDÊNCIA TOTAL PARA AS COLÓNIAS; REGRESSO IMEDIATO DE TODOS OS SOLDADOS; NEM MAIS UM EMBARQUE; RECOGNICIMENTO DO MPLA, FRELIMO E PAIGC COMO ÚNICOS REPRESENTANTES LEGÍTIMOS DOS POVOS DAS COLÓNIAS;**

23/5/74

Comités Revolucionários de Estudantes Comunistas de

Portugal